

EMPREENDEDORISMO NA EDUCAÇÃO: INÍCIO DE UMA MUDANÇA CULTURAL

ENTREPRENEURSHIP IN EDUCATION: THE START OF A CULTURAL CHANGE

Divino Lozetti Risso
professor.riopardo@gmail.com

RESUMO

Realizado por meio de revisão de literatura e abordando o empreendedorismo na educação como início para uma mudança cultural, este artigo traz noções básicas do empreendedorismo, destacando que empreendedor é aquele que cria equilíbrio, encontrando uma posição clara e positiva em um ambiente de caos e turbulência, ou seja, identifica oportunidades na ordem presente. Em seguida, analisa-se a educação como capital humano, enfatizando que o conceito de capital humano busca traduzir o montante de investimento, na expectativa de retornos adicionais futuros. Por fim, discorre-se sobre educação e empreendedorismo afirmando que a proposta de “Pedagogia Empreendedora” parte do princípio de que o empreendedor é aquele capaz de gerar novos conhecimentos por meio de saberes sintetizados nos pilares da educação: aprender a saber, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. A conclusão aponta que a educação é o único caminho para criar uma sociedade mais empreendedora em nosso país, despertando os jovens para uma nova forma de viver.

Palavras-chave: Capital Humano; Educação; Empreendedorismo.

ABSTRACT

Conducted through literature review and addressing entrepreneurship in education as beginning for a cultural change, this article presents the basics of entrepreneurship, noting that entrepreneur is the one who creates balance, finding a clear and positive position in an atmosphere of chaos and turbulence, in other words, identifying opportunities in the present order. Then, it analyzes the education as human capital, emphasizing that the concept of human capital seeks to translate the amount of investment, in expectation of future additional returns. Finally, it discourses about education and entrepreneurship asserting that the proposed "Entrepreneurial Pedagogy" assumes that the entrepreneur is able to generate new knowledge through synthesized knowledge on the pillars of education: learning to know, to do, to live together and to be. The conclusion points out that education is the only way to create an entrepreneurial society in our country, awakening young people to a new way of living.

Keywords: Human Capital; education; Entrepreneurship.

INTRODUÇÃO

Segundo Dornelas (2001), o mundo passa por várias transformações em curtos períodos de tempo principalmente no século XX, quando foi criada a maioria das invenções que revolucionaram o estilo de vida das pessoas. Geralmente essas invenções são frutos de inovação, de algo inédito ou de uma nova visão de como utilizar coisas já existentes, mas que ninguém anteriormente ousou olhar de outra maneira.

Conforme esclarece o Sebrae (2003), empreendedores são pessoas cujas características fogem do princípio estático, imutável, ou seja, sempre estão buscando novas realizações. Eles quebram regras e provam que, com muita dedicação e empenho, é possível realizar muitos negócios que parecem sonhos.

A realização deste artigo fundamenta-se no entendimento de que, segundo Bernardi (2008), a empresa moderna deve estruturar-se e aprender a conviver com a mudança, com o caos, com a variedade, com a diversidade, com os conflitos e paradoxos e todos os dilemas consequentes; necessita, portanto, de novas abordagens e de muita percepção, intuição e flexibilidade, a começar pelo empreendedor e, nesse ponto, a educação tem muito a oferecer para formar cidadãos competentes e independentes. Tem-se em Sertek (2007) a confirmação de que a riqueza dos empreendimentos depende, sobretudo, das pessoas que as empreendem e, no século XXI, não basta somente intuição é preciso competência em virtude da grande concorrência. Competência é “o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que você desenvolve e se torna o melhor ou pelo menos igual ao melhor no seu ramo” (SERTEK, 2007:18).

Conforme o referido autor, todos têm áreas pessoais de incompetência ignoradas, especialmente naquilo que se pretende empreender e tem-se total desconhecimento, ou seja, nem se imagina o que pode vir a gerar problemas. Daí a importância de conhecer bem a área de negócio, ter mais informações, sair do comodismo, questionar, ler, estudar, informar-se e, para isso, é preciso a humildade de aprender. “Com isso, passamos de uma situação de verdadeira ignorância para um estado de consciência dela e, somente a partir disso, podemos saber como trabalhar e empreender” (SERTEK, 2007:18). O referido autor acrescenta que:

Nosso Brasil precisa de muitos empreendedores, que trabalhem eticamente para construir a nossa nação. Temos muitas frentes, há muita coisa por fazer. Nosso país pode crescer e deve crescer muito, especialmente para eliminar as distâncias entre os mais ricos e os mais pobres (SERTEK, 2007:19).

Nessa direção, o conhecimento por meio da educação, é o elemento chave que atua na produção da transformação e na produção de empreendimentos verdadeiros. Tem-se como objetivo geral deste trabalho discorrer sobre o empreendedorismo na educação. Nessa direção, os objetivos específicos constam de: apresentar noções básicas sobre o empreendedorismo; abordar a educação como capital humano; analisar a educação e o empreendedorismo.

METODOLOGIA

Como metodologia de pesquisa adotou-se a revisão de literatura, pautada na leitura e análise de livros e artigos sobre o tema em questão, considerando ser esta uma forma efetiva de colher informações relevantes e oportunas para a composição do trabalho.

CAPITAL HUMANO, EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO

EMPREENDEDORISMO: NOÇÕES BÁSICAS

O conceito de empreendedorismo existe desde o início da humanidade, se manifesta cada vez que alguém cria algo para melhorar a convivência com os outros e com a natureza, ou melhorar o que não funciona bem. De acordo com Bernardi (2008), a ideia de um empreendimento surge da observação, da percepção e análise de atividades, tendências e desenvolvimentos, na cultura, na sociedade, nos hábitos sociais e consumo.

O mesmo autor defende que a concepção de um empreendimento, por vezes, nasce de habilidades, gosto e outras características pessoais, até mesmo por pessoas que não tiveram experiência com o ramo, inovando ou criando novas formas de negócio.

Para Bernardi (2008), a ideia de empreender é concretizada de cinco formas: montagem de um empreendimento; compra de uma empresa em funcionamento; sociedade num novo empreendimento; sociedade num empreendimento em funcionamento; franquia, muito utilizada quando não se conhece o ramo, o que economiza muitas etapas e estudos, além de diluição de riscos. Segundo Bernardi (2008), a literatura disponível e a definição predominante da figura do empreendedor conduzem ao traçado de um perfil característico e típico de personalidade em que se destacam: senso de oportunidade; dominância; agressividade e energia para realizar; autoconfiança; otimismo; dinamismo; independência; persistência; flexibilidade e resistência a frustrações; criatividade; propensão ao risco; liderança carismática; habilidade de equilibrar “sonho” e realização; habilidade de relacionamento.

Na compreensão de Bernardi (2008) existem várias circunstâncias que dão origem a um empreendimento e ao surgimento do empreendedor, que podem ou não se relacionar aos traços de personalidade:

a) O empreendedor nato

Esta figura é a personalização integral do empreendedor que, normalmente, desde cedo, por motivos próprios ou influências familiares, demonstra traços de personalidade comuns do empreendedor. O desenvolvimento de tal vocação tem forte relação com o tipo de autoridade familiar e o ambiente motivacional familiar, tais como escala de valores e percepção de negócios.

b) O herdeiro

Pode ou não ter as características do empreendedor, o que é muito comum se o empreendedor, por afinidade e vocação, dá continuidade ao empreendimento em que se encontra desde cedo em treinamento. Não tendo características empreendedoras e “treinado”, por imposição, poderá ser um problema para a continuidade da empresa.

c) O funcionário de empresa

Pode possuir características de empreendedor, sente ao longo da carreira um desequilíbrio e falta de reconhecimento entre suas contribuições e recompensas, ou então falta de interesse em suas ideias ou interferência da burocracia da empresa. Frustrado em suas necessidades de realização pessoal, em algum momento de sua carreira decide partir para um negócio próprio.

d) Excelentes técnicos

Com características de empreendedor, dispõe do conhecimento, de *know-how* sobre algum produto ou serviço e, possuidor de experiência no ramo, decide iniciar um negócio próprio.

e) Vendedores

Usualmente, entusiasmados pela dinâmica de suas funções cotidianas, como conhecem o mercado e têm experiência do ramo, iniciam negócio próprio em indústria, comércio ou serviços.

f) Opção ao desemprego

Uma modalidade de empreendimento arriscada que, por questões circunstanciais, finda por ser adotada; pode ter dois desdobramentos: com características empreendedoras, há possibilidade de sucesso; sem características empreendedoras, tem chance de sucesso, dependendo de como a oportunidade é encarada.

g) Desenvolvimento paralelo

O funcionário, como alternativa futura, tendo características empreendedoras, estrutura-se entre amigos ou familiares e desenvolve um negócio derivado de sua experiência ou não, ou associa-se a outro ramo de atividades como sócio capitalista.

h) Aposentadoria

Com experiência adquirida, e devido à idade precoce com que o mercado marginaliza as pessoas, inicia um negócio próprio, usualmente em comércio ou serviços, se não é oriundo da área de vendas ou produção.

Entretanto, Chiavenato (2006) considera que empreendedor não é apenas quem funda uma empresa ou constrói novos negócios. Para ele, o empreendedor vai além disso: é a energia da economia, a alavanca de recursos, o impulso de talentos, a dinâmica de idéias, é quem percebe as oportunidades e aproveita as oportunidades fortuitas, antes que outros o façam.

O termo empreendedor vem do francês *entrepreneur*, que significa “aquele que assume riscos e começa de novo”. Na concepção de Longenecker; Moore & Petty apud Chiavenato (2006), empreendedor é a pessoa que dá início e/ou opera um negócio com o objetivo de concretizar uma idéia ou projeto pessoal e, para tanto, assume riscos e responsabilidades, além de inovar ininterruptamente. Essa definição envolve não somente os fundadores de empresas, mas, também, os membros de gerações posteriores de empresas familiares e os gerentes-proprietários, que compram empresas

já existentes de seus fundadores. Por sua vez, Gartner apud Ferreira (2005) acredita que o espírito empreendedor também está presente em todas as pessoas que, mesmo sem fundarem uma empresa ou iniciarem seus próprios negócios, estão preocupadas e focalizadas em assumir riscos e inovar continuamente.

Kirzner apud Ferreira (2005) postula que o empreendedor é aquele que cria equilíbrio, encontrando uma posição clara e positiva em um ambiente de caos e turbulência, ou seja, identifica oportunidades na ordem presente. Os autores compartilham do entendimento de que o empreendedor é um exímio identificador de oportunidades, sendo um indivíduo curioso e atento a informações, pois sabe que suas chances melhoram quando seu conhecimento aumenta. Dentro desse entendimento, é possível dizer que empreendedor é aquele que detecta uma oportunidade e cria um negócio para capitalizar sobre ela, assumindo riscos calculados.

O indivíduo dotado dos pré-requisitos necessários ao bom desempenho como empreendedor, saberá aprender o que for necessário para a criação, desenvolvimento e realização de sua visão (DOLABELA, 1999). O empreendedor é atraído pelo novo, pelo inusitado, é aquela pessoa observadora, perspicaz, sabe ver coisas onde ninguém vê, sempre por um ângulo otimista. “O empreendedor sempre quer realizar os seus próprios sonhos. É alguém que busca incansavelmente a auto-realização [...]” (DOLABELA, 1999:45). Na visão de Dolabela (1999), o empreendedor é um trabalhador incansável. Como gosta do que faz, trabalha à noite, em finais de semana. Mas ele tem consciência da qualidade que deve impor às suas tarefas, ou seja, visa sempre aos resultados, e não ao trabalho em si. A mente do empreendedor é pró-ativa: define o que quer realizar, estabelece um ponto no futuro que quer alcançar e busca os conhecimentos e recursos para chegar lá. O foco é vital para o empreendedor; ele precisa se concentrar na sua atividade, evitando dispersões.

Chiavenato (2006) sintetiza em três, as características básicas de um empreendedor:

1. Necessidade de realização: existem pessoas com pouca necessidade de realização e que se contentam com o *status* atual. Porém, as pessoas com alta necessidade de realização gostam de competir com certo padrão de excelência e preferem ser pessoalmente responsáveis por tarefas e objetivos que atribuíram a si próprias.

2. Disposição para assumir riscos: o empreendedor assume variados riscos ao iniciar seu próprio negócio: riscos financeiros decorrentes do investimento do próprio dinheiro e do abandono de empregos seguros e de carreira definidas; riscos familiares ao envolver a família no negócio; riscos psicológicos pela possibilidade de fracassar em negócios arriscados. Eles preferem situações arriscadas até o ponto em que podem exercer determinado controle pessoal sobre o resultado.
3. Autoconfiança: quem possui autoconfiança sente que pode enfrentar os desafios que existem ao seu redor e tem domínio sobre os problemas que enfrenta. Os empreendedores de sucesso são independentes, que visualizam os obstáculos inerentes a um novo negócio, mas acreditam em suas habilidades pessoais.

Pelo exposto até aqui, tem-se que a ação empreendedora é, por um lado, fruto do desenvolvimento social. Por outro lado, esta ação contribui com o desenvolvimento da sociedade, ao introduzir inovações, ao satisfazer demandas específicas e ao tornar mais densas a rede de relações interempresariais.

A EDUCAÇÃO COMO CAPITAL HUMANO

Frigotto (2006) analisa a educação como capital humano, considerando-a uma teoria mantenedora do senso comum. Segundo o autor, a teoria do capital humano trata-se de um movimento que guarda em seu interior um caráter circular, um pensamento em “giro”, recorrente aos mesmos supostos, mas que se desdobra em linhas muitas vezes aparentemente contrárias.

De acordo com Frigotto (2006) é quase um lugar-comum entre aqueles que analisam os vínculos entre educação e desenvolvimento, educação e renda, educação e mobilidade social apoiarem-se em alguns pensamentos da obra de Adam Smith e seus discípulos. Uma das passagens clássicas de Smith apud Frigotto (2006:37) é:

Um homem educado à custa de muito esforço e tempo para qualquer emprego que exige destreza e qualificações especiais pode ser comparado a uma daquelas máquinas caras. O trabalho que ele aprende a realizar, como será de esperar, acima dos salários habituais da mão-de-obra comum, compensar-lhe-á

todo o custo de sua educação, com, pelo menos, os lucros habituais de um capital igualmente valioso.

Marshall apud Frigotto (2006), embora considere a educação o mais valioso capital que se investe nos seres humanos, considera que a analogia feita por Smith entre o investimento em máquinas e educação é imperfeita pelo fato de o “trabalhador vender seu trabalho mas permanecer ele mesmo a sua propriedade”, e pela intervenção de fatores que limitam o investimento na educação, como o poder aquisitivo das famílias. Frigotto (2006) comenta que a ideia de “capital humano” surge, historicamente, bem antes, até mesmo no Brasil, da década de 50. O fato de que sua formulação sistemática e seu uso ideológico político somente se verificam a partir do fim da década de 50 e início da década de 60 aponta para a hipótese de que é efetivamente neste período que as novas formas que assumem as relações intercapitalistas demandam e produzem esse tipo de formulação.

Tem-se em Frigotto (2006) que o conceito de capital humano, que a partir de uma visão reducionista almeja erigir-se como um dos elementos explicativos do desenvolvimento e equidade social e como uma teoria de educação, segue, do ponto de vista da investigação, um caminho tortuoso. Percorrendo-se esse caminho depreende-se que o determinante (educação como fator de desenvolvimento e distribuição de renda) se transmuta em determinado (o fator econômico como elemento explicativo do acesso e permanência na escola, do rendimento escolar, etc.).

Do ponto de vista macroeconômico, a teoria do capital humano constitui-se num desdobramento e/ou um complemento. De acordo com a visão neoclássica, para um país sair de estágio tradicional ou pré-capitalista, necessita de crescentes taxas de acumulação conseguidas, a médio prazo, pelo aumento necessário da desigualdade. A longo prazo, com o fortalecimento da economia, haveria naturalmente uma redistribuição.

O conceito de capital humano, que constitui o construtor básico da economia da educação, vai encontrar, segundo Frigotto (2006), campo próprio para seu desenvolvimento no bojo das discussões sobre os fatores explicativos do crescimento econômico. Assim, a preocupação básica ao nível macroeconômico é a análise dos nexos entre os avanços educacionais e o desenvolvimento econômico de um país, observa Frigotto (2006). Tem-se em Frigotto (2006:40) que: “A educação, então, é o principal

capital humano enquanto é concebida como produtora de capacidade de trabalho, potenciadora do fator trabalho. Neste sentido é um investimento como qualquer outro”.

Para o mesmo autor, o processo educativo, escolar ou não, é reduzido à função de produzir um conjunto de habilidades intelectuais, desenvolvimento de determinadas atitudes, transmissão de um determinado volume de conhecimentos que funcionam como geradores de capacidade de trabalho e, conseqüentemente, de produção. De acordo com a especificidade e complexidade da ocupação, a natureza e o volume dessas habilidades deverão variar.

O conceito de capital humano – ou, mais especificamente, de recursos humanos – objetiva traduzir o montante de investimento que uma não faz ou os indivíduos fazem, na expectativa de retornos adicionais futuros. Frigotto (2006) ensina que a tese central da teoria do capital humano, que vincula educação ao desenvolvimento econômico à distribuição de renda, configurando-se como uma “teoria de desenvolvimento”, sem desviar-se de sua função apologética das relações sociais de produção da sociedade burguesa, vai desdobrando-se no campo da pesquisa, em trabalhos aparentemente contrários.

De acordo com Frigotto (2006), as tentativas de se mensurar a contribuição da educação para o crescimento econômico esbarram, do ponto de vista da investigação, nas mais diversas críticas internas à teoria. Tais críticas, segundo o autor, se prendem à debilidade das medidas que tentam apreender o impacto da educação sobre o crescimento.

Refletindo sobre o que se aprende na escola e o que é funcional ao mundo do trabalho e da produção, Frigotto (2006) declara que se contrastam pesquisas que buscam evidenciar que os aspectos ligados a atitudes, valores, resultado do processo de socialização que se efetiva na escola são mais importantes para a produtividade das pessoas na organização enquanto fornecem hábitos de funcionalidade, respeito à hierarquia, disciplina, etc. Os trabalhos revelam que a funcionalidade da escola enquanto desenvolve atitudes, valores, etc., tem, ao nível de crítica interna, como base, apelos distintos (FRIGOTTO, 2006).

Bowles apud Frigotto (2006), contestando a possibilidade de prover a equalização via escola, destaca que esta fornece uma força de trabalho disciplinada e habilitada, ao mesmo tempo que fornece os mecanismos de controle social para a estabilidade do

sistema social capitalista. Gintis apud Frigotto (2006), ao questionar o vínculo existente entre a escolaridade e salário, ressalta a relevância da formação de atitudes requeridas pelo mercado de trabalho. Segundo ele: “Na realidade a escola contribui para formar uma força de trabalho socialmente requerida inculcando uma mentalidade burocrática aos estudantes” (GINTIS apud FRIGOTTO, 2006:47). Já Edwards apud Frigotto (2006) salienta os traços desenvolvidos na escola e sua funcionalidade na hierarquia ocupacional da empresa moderna.

Percebe-se o valor da educação no contexto do capital humano quando Bernardi (2008) afirma que as pessoas se interessam pelo resultado de seus esforços e sentem-se realizadoras; portanto, é necessário mantê-las informadas sobre a evolução de sua produtividade e de seu desempenho. Bernardi (2008) orienta que, como decorrência da visão do empresário, dos valores, do ramo de atividade, dos objetivos, das estratégias definidas e do modelo de empresa que viabiliza o empreendimento, há clara definição do perfil aproximado das pessoas que poderiam ajustar-se à estrutura pretendida e necessária.

Entende-se que a educação pode contribuir efetivamente na orientação de que as características de um executivo ou de um gerente são diferenciais e simultaneamente complementares à personalidade típica do empreendedor, como: objetividade; sociabilidade; cooperatividade e atenção; capacidade de ouvir; persuasão; capacidade de verbalização e hábito de leitura; controle emocional mais acentuado; envolvimento dos subordinados nas decisões; delegação de atividades que envolvam processos técnicos, concentração e rotinas; menor atenção aos detalhes; comportamentos racionais. Essas características em conjunto, aliadas a uma visão ambiental, global, social e política, além da econômica e tecnológica e otimizadora do valor social, complementam, de acordo com Bernardi (2008), o perfil ideal para o empreendedor, em decorrência das necessidades atuais da empresa.

Por meio da educação pode-se instruir que os recursos devem ser equilibrados em relação à estrutura e à estratégia da empresa, e que uma empresa sem pessoas motivadas e com um ambiente de trabalho desfavorável, tem deficiência estratégica vital, pois pessoas na empresa sem desenvolvimento pessoal e profissional também representam problemas.

EDUCAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

Barros & Prates (1996) discorrem sobre a recriação do estilo brasileiro de administrar e afirmam que o brasileiro tem a sua maneira de fazer administração de negócios e que tem reconhecimento em nível internacional. Para os referidos autores, sem dúvida, o brasileiro sabe lidar com flexibilidade, utilizando-se da sua criatividade e adaptabilidade. Em suas palavras:

Muito melhor que empresários e operários em outros países. Isso nos garante um estilo muito adequado para a época de mudanças contínuas e rápidas que vem caracterizando os novos tempos. Arriscamos dizer que só não somos mais reconhecidos internacionalmente pelo motivo que não criamos, ainda, um nível de competitividade internacional. Estivemos fechados para o ambiente externo. Quanto mais nos expusermos ao ambiente internacional, mais oportunidades teremos de explorar nossa capacidade de flexibilidade. Se temos diferenças significativas em termos de competitividade, temos capacidade de diminuir esses *gaps* em uma velocidade que poucos teriam (BARROS & PRATES, 1996:141).

Entende-se que, adaptando ou criando novas situações, a gestão brasileira pode surpreender o mundo dos negócios. No entender de Barros & Prates (1996), outro aspecto que distingue os brasileiros é a facilidade natural que tem de implementar um clima de alegria nas relações, buscando a aproximação pessoal, mais do que a institucional.

Segundo os mesmos autores, enquanto outros países buscam, como fórmula atualizada de sucesso, o envolvimento e comprometimento autêntico das pessoas em torno dos objetivos das empresas como meio de obter melhores resultados, os brasileiros parecem ter uma predisposição natural para esse comprometimento autêntico. Para esses autores, se os brasileiros fizerem prevalecer seus traços naturais, flexibilidade e lealdade, sobre outros traços atualmente mais valorizados, como o paternalismo e o formalismo, eles estarão repetindo em nível administrativo uma fórmula que repetidas vezes teve sucesso internacional no campo do esporte, da música, entre outros.

Barros & Prates (1996) frisam que no processo de mudança e de motivação, o essencial é o comprometimento, autêntico, em que a peça-chave deve ser a lealdade às pessoas, criando em torno delas a coesão social. Refletindo sobre a ideia do

empreendedorismo na educação, Luz (2006) o faz afirmando que a matriz teórica da idéia do empreendedorismo é o pensamento liberal clássico, no qual, por exemplo, tem-se em Adam Smith a valorização do homem frugal e industrioso; em John Locke a aposta no interesse individual como a origem do bem comum.

Luz (2006) comenta que em Walras tem-se a proposta de compreensão do sistema econômico a partir das ações individuais. Por sua vez, Schumpeter desenvolve a idéia de que as inovações que dão movimento ao capitalismo (processo de destruição criativa) resultam das iniciativas dos agentes econômicos.

Nos dias atuais, Luz (2006) cita o trabalho de Hayeck e Friedmann, que reforçam a ideia de que o individualismo é a mola propulsora do desenvolvimento e pontuam que os interesses do capital e do trabalho se identificam e que seus antagonismos inexistem. Drucker apud Luz (2006) argumenta que os negócios constroem o futuro, dando a idéia de que a forma social capitalista é natural e, portanto, eterna. No conceito de Filion apud Luz (2006), o indivíduo empreendedor é aquele capaz de concretizar seus sonhos, como se a realidade fosse uma projeção da mente.

Fundamentado na obra de Dolabela¹, Luz (2006) apresenta suas reflexões sobre a importância de levar para o ensino básico uma proposta inovadora e capaz de “semear o empreendedorismo, o espírito de aprender a empreender, de tomar o destino nas próprias mãos” (DOLABELA apud LUZ, 2006:83).

Dolabela apud Luz (2006:84) afirma que empreender é o mesmo que “modificar a realidade para dela obter a auto-realização e oferecer valores positivos para a coletividade. Significa engendrar formas de gerar e distribuir riquezas materiais e imateriais por meio de idéias, conhecimentos, teorias, artes, filosofia”. Inicialmente, segundo Luz (2006), a proposta mostra-se como encantadora, considerando que encantar é a tônica da proposta da Pedagogia Empreendedora.

Luz (2006) relata que a partir da afirmação de que qualquer ser humano pode ser um empreendedor, o autor sustenta o pressuposto de que o sonho precede o real, o ideal concretiza o material. Dessa forma, “a proposição articula-se à visão idealista de mundo ao reafirmar o pensamento de que basta ter um sonho e disposição para realizá-lo que ele se tornará realidade” (LUZ, 2006:84). Dolabela apud Luz (2006) atrai o educador para sua

¹ “Pedagogia Empreendedora – O Ensino do Empreendedorismo na Educação Básica voltado para o Desenvolvimento Sustentável”, escrito por Fernando Dolabela.

proposta jogando para o leitor o desafio da autorrealização. Porém, Luz (2006) esclarece que a proposição da “Pedagogia Empreendedora” não se restringe a adesões de educadores individualmente. Várias secretarias municipais de educação localizadas em diferentes estados (Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo) serviram de espaço para a experiência-piloto da proposta da Pedagogia Empreendedora.

A proposta de “Pedagogia Empreendedora”, desenvolvida por Dolabela e de acordo com Luz (2006), parte do princípio de que o empreendedor é aquele capaz de gerar novos conhecimentos por meio de “saberes” sintetizados nos pilares da educação: aprender a saber, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Desse modo, no pensamento de Luz (2006:85), “tal proposta se coaduna com o movimento em curso de esvaziamento do sentido científico-tecnológico da escolarização e de individualização da condição social dos sujeitos”. De acordo com Luz (2006), o individualismo está contido na “Teoria Empreendedora dos Sonhos” de Dolabela. Tal teoria sugere que é suficiente ter um sonho, não importando qual seja, para que se possa realizá-lo.

Dolabela apud Luz (2006) divide o sonho em duas partes: Sonho Estruturante e Sonho Periférico. O sonho estruturante é apresentado como aquele capaz de conduzir o sujeito à autorrealização, independentemente da sua condição social. Neste caso, o sonho é entendido como um atributo da natureza humana, que passa a assumir um caráter estruturante quando contém energia para impulsionar o indivíduo a realizá-lo. Já o sonho periférico, segundo a proposta da Pedagogia Empreendedora, é aquele que não é capaz de fundamentar um projeto de vida ou de gerar a auto-realização.

Dolabela apud Luz (2006) entende como periféricos todos os sonhos que incluem desejos, fantasias, vontades, caprichos, aspirações de outra dimensão que compõem o mundo humano do para-real (não-ação) e que, embora cumpram um papel essencial nas relações do sujeito consigo mesmo e com o outro, se limitam ao campo da psique, não desempenhando grande papel no campo da vida material. Para Dolabela apud Luz (2006:86), deve prevalecer o “saber útil”, identificado como aquele que diz respeito “à capacidade de representar a realidade de forma diferenciada e ao grau de congruência entre seu próprio eu e a realidade individualmente construída”.

Luz (2006) frisa que, para a implantação da metodologia própria da Pedagogia Empreendedora, não é necessária a contratação de especialistas para sua aplicação no sistema regular de ensino. “Pelo contrário: a pedagogia empreendedora é disseminada

por meio da preparação de docentes que já participam da rede formal implantada” (LUZ, 2006:87).

Luz (2006) destaca duas ideias importantes dentro da nova forma de relacionar economia e educação. A primeira ideia que se pode afirmar é que a proposta de Pedagogia Empreendedora apresentada e defendida por Dolabela propõe uma relação positiva com esta realidade da forma como está estabelecida, sem operar conflitos. Em segundo lugar, pode-se afirmar que a “teoria” que serve de base para a Pedagogia Empreendedora aposta numa iniciativa individual e transfere para o sujeito toda a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso do seu sonho (projeto). Para a Pedagogia Empreendedora, o fracasso é desistir do sonho e, enquanto isso não acontecer, não há fracasso.

CONCLUSÃO

Este artigo apontou que o empreendedor é a pessoa que consegue fazer as coisas acontecerem, visto que é dotado de sensibilidade para os negócios, tino financeiro e capacidade de identificar oportunidades. Ele transforma ideias em realidade, para benefício próprio e para benefício da comunidade. Por ter criatividade e um alto nível de energia, o empreendedor demonstra imaginação e perseverança, aspectos que combinados adequadamente, o habilitam a transformar uma idéia simples e mal estruturada em algo concreto e bem-sucedido no mercado.

O “espírito empreendedor” não nasce com as características já formadas, mas são desenvolvidas ao longo da vida, por meio da dedicação, perseverança, iniciativa e tolerância ao fracasso e ao risco, além da vontade de ter seu próprio negócio.

No âmbito da educação, constata-se que o ensino do empreendedorismo é fundamental, pois ele é o suporte para o início de uma mudança cultural. É preciso começar, desde tenra idade, a forjar atitudes empreendedoras e mentes planejadoras nas pessoas. Acredita-se que a disseminação de uma cultura empreendedora nas escolas poderia modificar os espíritos acomodados e ajudar a valorizar mais a figura do empreendedor individual.

A disseminação de uma cultura empreendedora nas escolas poderia modificar o hábito de deixar tudo por conta do acaso. Assim, o empreendedorismo formaria jovens dotados de mentes mais atentas nas oportunidades, com visão de futuro e muito mais planejadoras. Pode-se dizer que a educação é o único caminho para criar uma sociedade mais empreendedora em nosso país, despertando os jovens para uma nova forma de viver.

REFERÊNCIAS

- BARROS, B. T.; PRATES, M. A. S. **O estilo brasileiro de administrar**. São Paulo: Atlas, 1996.
- BERNARDI, L. A. **Manual de empreendedorismo e gestão: fundamentos, estratégias e dinâmicas**. São Paulo: Atlas, 2008.
- CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo – dando asas ao espírito empreendedor**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.
- DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.
- FERREIRA, W. P. **O que é ser empreendedor**. Artigo publicado em 2005. Disponível em <http://www.unifamma.edu.br>. Acesso em 02 Jan. 2014.
- FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- GUIMARÃES, N. A.; MARTIN, S. **Competitividade e desenvolvimento: atores e instituições locais**. São Paulo: SENAC, 2001.
- LUZ, A. S. **Reflexões sobre a ideia do empreendedorismo na educação**. In: Revista de Educação. Vol. 1 nº 1 jan./jun. 2006. Disponível em <http://www.e-revista.unioeste.br>. Acesso em 04 Jan. 2014.

SERTEK, P. **Empreendedorismo**. 4. ed. Curitiba: Ibpex, 2007.

SEBRAE. **Características do empreendedor**. Artigo publicado em 2003. Disponível em <http://www.sebrae.com.br>. Acesso em 02 Jan. 2014.